

HARROW

A NONA

A Saga do Túmulo Trancafiado

Gideon, a Nona

Harrow, a Nona

Nona the Ninth

Alecto the Ninth

TAMSYN MUIR

HARROW

A NONA

SAGA DO TÚMULO TRANCAFIADO



TRADUÇÃO DE CAROL COLFFIELD



ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2026

Harrow, a Nona

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2020 TAMSYN MUIR

ISBN: 978-85-508-2719-3

Translated from original Harrow the Ninth. Copyright © 2020 by Tamsyn Muir. ISBN 9781250321206. This translation is published and sold by arrangement with Tor.com. Tor® is a registered trademark of Macmillan Publishing Group, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Muir, Tamsyn.

Harrow a nona / Tamsyn Muir ; tradução de ; tradução de Carol Colffield. - Rio de Janeiro : Alta Novel, 2026.

(Saga do túmulo trancafiado)

512 p. ; 16x23 cm.

Tradução de: Harrow the Ninth (Harrow a nona).

ISBN: 978-85-508-2719-3

1. Ficção fantástica inglesa. 2. Ficção científica.
3. Necromancia - Ficção. 4. Romance inglês contemporâneo. I. Título. II. Série.

CDD: 823
M95

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa 823

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Carol Colffield

Copidesque: Mariana Naime

Revisão: Carlos Bacci

Diagramação: Joyce Matos


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



para Isa Yap,
que entendeu Harrow bem demais.
e sem ela boa parte de mim não teria
acontecido

e

para pT



Amostra

Amostra

DRAMATIS PERSONAE



O Imperador das Nove Casas

Augustine, o Primeiro

PRIMEIRO SANTO A SERVIÇO DO REI ETERNO

Mercymorn, a Primeira

SEGUNDA SANTA A SERVIÇO DO REI ETERNO

ORTUS, o Primeiro

TERCEIRO SANTO A SERVIÇO DO REI ETERNO

Cassiopeia, a Primeira

QUARTA SANTA A SERVIÇO DO REI ETERNO

Cyrus, o Primeiro

QUINTO SANTO A SERVIÇO DO REI ETERNO

Ulysses, o Primeiro

SEXTO SANTO A SERVIÇO DO REI ETERNO

Cytherea, a Primeira

SÉTIMA SANTA A SERVIÇO DO REI ETERNO

Anastasia, a Primeira

Ianthe, a Primeira

OITAVA SANTA A SERVIÇO DO REI ETERNO

Harrowhark, a Primeira

NONA SANTA A SERVIÇO DO REI ETERNO

*Um para o Imperador, nosso ancião;
Um para seus Lyctores, firme legião;
Um para seus Santos, escolhidos de outrora;
Um para suas Mãos, e as espadas que empunham agora.*

*Dois é disciplina, o desafio a encarar;
Três é para joia ou sorriso a brilhar;
Quatro é lealdade, encarar anos conjuntos;
Cinco é tradição, e obrigação aos defuntos;
Seis para a verdade, não por iludir;
Sete pela beleza que floresce ao se esvaír;
Oito para a salvação, sem ser repreendido;
Nove para o Túmulo, e tudo que foi perdido.*

Amos 6:1-6



Prólogo

A NOITE ANTES DO ASSASSINATO DO IMPERADOR

O SEU QUARTO HÁ MUITO mergulhara em uma quase completa escuridão, sem deixar distração alguma para o grande impacto rítmico — *tum, tum, tum* — de corpo após corpo se atirando contra a grande massa que já cobria o casco. Não havia nada para ver — as cortinas estavam fechadas —, mas você conseguia sentir a vibração terrível, ouvir o gemido da quitina contra o metal, a submissão cataclísmica do aço diante das garras de fungos.

Estava muito frio. Uma fina camada de gelo cobria suas bochechas, seu cabelo, seus cílios. Naquela escuridão sufocante, sua respiração emergia como uma fina fumaça cinzenta e úmida. Às vezes você soltava um leve grito, o que não a envergonhava mais. Entendia a reação do seu corpo àquela proximidade. Gritar era a melhor coisa que poderia acontecer.

A voz de Deus veio muito calmamente pelos alto-falantes:

— Faltam dez minutos para o rompimento. Temos meia hora de ar-condicionado, no máximo... depois disso, vocês trabalharão em um forno. As portas ficarão fechadas até a pressão equalizar. Mantenham a temperatura, pessoal. Harrow, vou deixar sua porta fechada até o último instante.

Você se ergueu cambaleante, as saias diáfnas contidas por ambas as mãos, e conseguiu chegar até o botão do interfone. Pensando em algo condenatório ou inteligente para dizer, retrucou:

— Eu sei me virar sozinha.

— Harrowhark, precisamos de você no Rio, e enquanto estiver no Rio, sua necromancia não vai funcionar.

— Sou uma Lyctor, Senhor — ouviu-se dizer. — Sou sua santa. Sou seus dedos e seus gestos. Se queria uma Mão que precisasse de uma porta para se esconder, mesmo agora, então o julguei mal.

Do seu santuário distante, nas profundezas do Mithraeum, você o ouviu suspirar. Imaginou-o sentado na cadeira gasta e remendada, sozinho, esfregando a têmpora direita com o polegar, como sempre fazia. Após uma pausa breve, ele disse:

— Harrow, por favor, não tenha tanta pressa em morrer.

— Não me subestime, Professor — você retorquiu. — Eu sempre vivi.

Você retornou através dos anéis concêntricos de acetábulos que havia disposto, camadas finas e arenosas de fêmures, até parar no centro e respirar. Inspirava profundamente pelo nariz e expirava pela boca, tal como lhe ensinaram. A camada de gelo já se dissolvia em uma névoa fina que envolvia seu rosto e sua nuca, enquanto você ardia sob as vestes. Sentou-se com as pernas cruzadas e as mãos apoiadas no colo, impotentes. A empunhadura da rapieira cutucava o seu quadril, como um animal pedindo comida, e em um acesso de irritação você considerou desafivelar aquela droga de espada e arremessá-la com toda a força para o outro lado do cômodo; só que temeu quão pateticamente curta seria a distância da queda. Do lado de fora, o casco estremecia conforme mais algumas centenas de Arautos se aglomeravam em sua superfície. Você os imaginava escalando uns sobre os outros, azulados sob a luz dos asteroides, amarelados sob a luz da estrela mais próxima.

As portas dos seus aposentos se abriram, deslizando com um arcaico suspiro de alavancas a gás. Mas a intrusa não fez com que se ativassem as armadilhas dentadas que você havia embutido no batente nem os fragmentos de osso regenerador que colara na soleira. Ela cruzou o limiar com as saias emaranhadas erguidas até as coxas, balançando como uma bailarina. Na escuridão, a rapieira dela era preta, e os ossos do braço direito brilhavam com um tom dourado oleoso. Você fechou os olhos para ela.

— Eu poderia protegê-la se me pedisse — disse Ianthe, a Primeira.

Um fio tépido de suor percorreu suas costelas.

— Prefiro que meus tendões sejam arrancados do corpo, um por um, depois desfiados e espalhados sobre meus ossos quebrados — você afirmou. — Prefiro ser esfolada viva e envolta em sal. Prefiro que meu próprio ácido digestivo seja derramado, gota a gota, nos meus olhos.

— Então você quer dizer que... *talvez* — disse Ianthe. — Ajude-me. Não se faça de difícil.

— Não finja estar aqui por qualquer outra razão que não seja proteger um investimento.

Ela disse:

— Vim te alertar.

— Veio me *alertar*? — Sua voz soava monótona e sem emoção, até mesmo para você. — Você veio me alertar *agora*?

A outra Lyctor se aproximou. Você não abriu os olhos. Ficou surpresa ao ouvi-la pisotear seu arranjo metódico de ossos, ajoelhar-se sem estremecer no tapete sombrio e empoeirado sob ela. Você nunca conseguiria sentir a thanergia de Ianthe, mas a escuridão parecia lhe dar uma imensa sintonia com o medo dela. Você sentiu os pelos dos antebraços dela se arrepiando; ouviu o martelar do coração molhado e humano, as escápulas se aproximando enquanto ela tensionava os ombros. Sentiu o cheiro de suor e perfume: almíscar, rosas, vetiver.

— Nonagesimus, ninguém virá salvá-la. Nem Deus. Nem Augustine. Ninguém. — Não havia zombaria em sua voz agora, e sim algo diferente: entusiasmo, talvez desconforto. — Você estará morta na primeira meia hora. É um alvo fácil. A menos que haja algo naquelas cartas que eu não saiba, seus truques acabaram.

— Nunca fui assassinada antes e realmente não pretendo começar agora.

— *Acabou* para você, Nonagesimus. É o fim da linha.

Você abriu os olhos, chocada, quando sentiu a garota à sua frente envolver seu queixo entre as mãos — os dedos febris dela em contraste com o choque gelado do metacarpo dourado — e pressionar o polegar de carne no canto de sua mandíbula. Por um momento, você achou que estava alucinando, mas essa suposição se esvaiu diante da proximidade fria dela, Ianthe Tridentarius, ajoelhada diante de você em inegável súplica. Os cabelos pálidos dela caíam como um véu em volta do rosto, e os olhos roubados fitavam você com um desespero meio suplicante, meio desdenhoso: eram íris azuis com manchas profundas de um castanho-claro, como ágata.

Olhando fundo nos olhos do cavaleiro que ela assassinou, você percebeu — não pela primeira vez e contra sua vontade — que Ianthe Tridentarius era linda.

— Dê meia volta — ela sussurrou. — Harry, basta você dar meia-volta. Sei o que fez e sei como desfazer; é só me pedir. Peça. É bem simples. Morrer é para fracos. Com você e eu em pleno poder, poderíamos destruir essa Besta

da Ressurreição e sair ilesas. Poderíamos salvar a galáxia. Salvar o Imperador. Deixe que nossas casas falem de Ianthe e Harrowhark, deixe que *lamentem* ao pronunciar nossos nomes. O passado está morto, e os dois estão mortos, mas você e eu estamos vivas. O que são eles? O que *são* eles, além de mais um cadáver que arrastamos atrás de nós.

Os lábios de Ianthe estavam rachados e vermelhos. Havia uma súplica sincera em seu rosto. Entusiasmo, não desconforto.

Aquele era, como você vagamente compreendeu, o momento psicológico.

— Vá se foder! — você exclamou.

Os Arautos caíam sobre o casco como chuva. O rosto de Ianthe voltou a ficar branco e zombeteiro, e ela soltou sua mandíbula — desembaraçou os dedos inquietos e aqueles horríveis ossos revestidos de ouro.

— Não achei que era hora para falar sacanagem, mas posso entrar na brincadeira — disse ela. — Aperte meu pescoço, safada.

— Saia *daqui*.

— Você sempre achou que a obstinação era uma virtude cardeal — observou ela, sem motivo aparente. — Agora acho que talvez você devesse ter morrido na Casa de Canaan.

— Você deveria ter matado sua irmã — você retrucou. — Seus olhos não combinam com seu rosto.

Pelos alto-falantes, ouviu-se a voz do Imperador, tão calma quanto anteriormente:

— Quatro minutos para o impacto. — E como um tutor repreendendo crianças desatentas: — Certifiquem-se de que estão em seus lugares, meninas.

Ianthe se virou sem violência. Ela ficou em pé e passou os dedos humanos pelas paredes dos aposentos — pelos arcos com filigranas, pelos painéis de metal polido e pelos ossos incrustados —, e disse, antes de atravessar o arco em direção ao hall de entrada:

— Bem, eu tentei; portanto, ninguém pode me criticar.

Você ouviu a porta se fechar atrás dela e ficou imensamente só.

O calor aumentou. A estação devia estar completamente sufocada: envolta por um sudário vivo de tórax e asas, mandíbulas e antenas, mensageiros mortos de um espectro estelar faminto. Seu alto-falante crepitou devido à estática; do outro lado, apenas silêncio. Havia silêncio nos belos corredores do Mithraeum,

e havia um silêncio quente e suado em sua alma. Quando você gritou, foi sem som, os músculos da sua garganta contraindo-se emudecidos.

Você pensou no frágil envelope endereçado a você que dizia: *Abrir em caso de morte iminente*.

— Estão invadindo — disse o Imperador. — Perdoem-me... e acabem com eles, crianças.

Em algum lugar distante na estação, ouviu-se o som distorcido de acrílico e metal cedendo. Seus joelhos amoleceram, e você teria desabado no chão em espasmos se já não estivesse sentada. Com os dedos, fechou os olhos e forçou-se a ficar imóvel. A escuridão tornou-se mais escura e fria quando o primeiro escudo de ossos perpétuos a envolveu — um ato tolo, sem sentido, destinado a se dissolver no momento em que você mergulhasse —, depois o segundo, o terceiro, até que você se perdeu em um ninho inexpugnável e sem ar. Por todo o Mithraeum, cinco pares de olhos se fecharam simultaneamente, entre eles os seus. Ao contrário dos deles, os seus não voltariam a se abrir. Em meia hora, independentemente do que o Professor pudesse esperar, você estaria morta. Os Lyctores do Imperador Ressurrecto começaram sua longa caminhada até o Rio onde a Besta da Ressurreição estava agachada — fora da órbita do Mithraeum, meio viva, meio morta, uma massa liminar infestada de vermes —, e você seguiu com eles, deixando sua carne vulnerável para trás.

— *Rezo para que o túmulo permaneça eternamente trancafiado* — ouviu a si mesma recitar em voz alta, mas não conseguia elevar a voz acima de um sussurro engasgado. — *Rezo para que a pedra jamais se erga. Rezo para que o que foi sepultado permaneça sepultado, insensível, em repouso perpétuo, com olhos cerrados e mente impassível. Rezo para que viva...* Ó, cadáver do Túmulo Trancafiado — você improvisou, desesperadamente. — Amados mortos, ouvi vossa serva. Amei-vos com todo o meu coração apodrecido e desprezível, amei-vos até excluir tudo mais; concedei-me viver o suficiente para morrer a vossos pés.

E então você mergulhou para guerrear contra o Inferno.



Mas o Inferno a regurgitou. É justo.

Você não acordou tendo passado para o espaço thanérgico que era domínio exclusivo dos mortos e dos santos necromantes que os combatiam; acordou

no corredor fora dos seus aposentos, deitada de lado, ardendo, ofegante, encharcada de suor (seu) e sangue (seu); a lâmina da sua rapieira espreitava através de seu estômago, perfurando você por trás. O ferimento não era alucinação nem sonho: o sangue estava fresco e a dor era terrível. Sua visão já se tornava preta nas bordas enquanto você tentava fechar o corte — tentava costurar suas vísceras, cauterizar as veias, estabilizar os órgãos que gemiam até pararem de funcionar —, mas não havia mais salvação. Mesmo que quisesse, não poderia mais ler a carta da *morte iminente*. Tudo o que conseguia fazer era ficar deitada, arfando, em uma poça dos seus próprios fluidos, forte demais para morrer depressa, fraca demais para se salvar. Você era apenas meia Lyctor, e ser meia Lyctor era pior do que não ser Lyctor de forma nenhuma.

Do outro lado do painel de acrílico, as estrelas estavam bloqueadas pelos Arautos da Besta da Ressurreição, que voavam velozes, zumbindo, batendo as asas furiosamente para torrar tudo o que estivesse lá dentro. Vindo de muito longe, você pensou ter ouvido um som de espada contra espada e estremecia a cada grito agudo de aço se chocando. Você detestava aquele som desde que nasceu.

Preparou-se para morrer com o Túmulo Trancafiado nos lábios. Mas sua boca idiota e moribunda pronunciou três sílabas totalmente diferentes, e eram três sílabas que sequer compreendia.



Párodo

CATORZE MESES ANTES DO ASSASSINATO DO IMPERADOR

NO ANO MIRÍADE DO NOSSO Senhor — o décimo milésimo ano do Rei Eterno, nosso Ressurrecto, o Primeiro, pleno de piedade! — a Reverenda Filha Harrowhark Nonagesimus sentava-se no sofá de sua mãe e observava seu cavaleiro ler. Distraída, ela esfregava o polegar em uma caveira em brocado deteriorado na capa, destruindo em um segundo, por descuido, longos anos de trabalho de algum anacoreta devoto. A mandíbula se desfez sob a almofadinha do polegar.

Seu cavaleiro estava sentado bem ereto na cadeira daquele cômodo — que não recebia ninguém de tamanho comparável desde os tempos do pai dele — e agora corria o risco de ceder de vez. Ele encaixara seu corpanzil bem dentro dos limites da cadeira, como se ultrapassá-los pudesse causar algum Incidente; e ela sabia muito bem que Ortus detestava Incidentes.

— *Sem lacaios. Sem domésticos, sem serviçais* — leu Ortus Nigenad, dobrando o papel com um cuidado obsequioso. — Quer dizer que servirei minha Senhora Harrowhark sozinho?

— Sim — ela respondeu, prometendo a si mesma manter a paciência pelo maior tempo possível.

— Sem Marechal Crux? Sem Capitã Aiglamene?

— Sim, isso mesmo, *sem acompanhantes, sem criados, sem serviçais* — insistiu Harrow, perdendo a paciência. — Creio que conseguiu decifrar o código elaboradíssimo. Seremos você, o cavaleiro primário, e eu, a Reverenda Filha da Nona Casa. Só isso. O que eu acho... sugestivo.

Ortus não pareceu achar aquilo sugestivo. Seus olhos escuros estavam voltados para baixo, por trás dos cílios grossos e pretos, do tipo que Harrowhark sempre imaginou que poderia encontrar em algum mamífero doméstico simpático, como um porquinho. Ele estava continuamente cabisbaixo, e não por

modéstia; os pés de galinha suaves em torno dos olhos eram linhas de tristeza; as rugas delicadas na testa eram um ato cuidadoso de tragédia. Ela ficou feliz em ver que alguém — talvez a mãe, a sentimental Irmã Glaurica — havia pintado o rosto dele como o pai havia se pintado outrora, com uma mandíbula preta sólida para representar a Caveira Sem Boca. Não porque ela tivesse algum amor especial pela Caveira Sem Boca, considerando-se os sacramentos pictóricos. Era simplesmente porque qualquer caveira com mandíbulas que despertasse interesse em Ortus se tornava uma caveira larga, branca e deprimida.

Depois de um instante, ele disse, de súbito:

— Senhora, não posso ajudá-la a se tornar uma Lictor.

O que a surpreendeu foi o fato de ele se atrever a emitir uma opinião.

— É possível.

— Concorda comigo. Bom. Agradeço por sua misericórdia, Vossa Graça. Não posso representá-la em um duelo formal; nem com a espada, nem com a adaga, nem com a corrente. Não posso ocupar um lugar entre os cavaleiros primários e fingir que pertenço a eles. Tamanha falsidade me esmagaria. Não posso sequer começar a concebê-la. Não poderei lutar pela senhora, Senhora Harrowhark.

— Ortus — disse ela —, conheço-o minha vida toda. Acha mesmo que eu nutria a ilusão de que um cachorro demente, criado sem nenhum conhecimento de objetos cortantes, pudesse, no escuro, confundi-lo com um *espadachim*?

— Senhora, é apenas para honrar meu pai que chamo a mim mesmo de cavaleiro — disse Ortus. — É pelo orgulho de minha mãe e pela escassez de minha Casa que uso esse título. Não tenho nenhuma das virtudes de um cavaleiro.

— Não sei quantas vezes terei que repetir o quão ciente estou disso — afirmou Harrowhark, arrancando um minúsculo fragmento de brocado da unha. — Visto que isso corresponde a cem por cento das nossas conversas ao longo dos anos, só me resta supor que esteja chegando a uma nova conclusão e começar a me animar.

Ortus se inclinou para a frente na beirada da cadeira, entrelaçando os dedos longos de suas mãos inquietas. Estas eram grandes e macias — tudo em Ortus era grande e macio, como um enorme travesseiro preto e fofinho —, e ele as abriu, suplicante. Isso a deixou intrigada, contra a própria vontade. Aquilo era mais do que ele havia ousado até então.

— Senhora — começou Ortus, a voz ficando mais grave pela timidez —, eu não ousaria sugerir isso... mas se o dever de um cavaleiro é empunhar a

espada... se o dever de um cavaleiro é proteger com a espada... se o dever de um cavaleiro é morrer pela espada... você nunca levou ORTUS NIGENAD em consideração?

— Como? — surpreendeu-se Harrow.

— Senhora, é somente para honrar meu pai que chamo a mim mesmo de cavaleiro — disse Ortus. — É pelo orgulho de minha mãe e pela escassez de minha Casa que uso esse título. Não tenho nenhuma das virtudes de um cavaleiro.

— Sinto como se tivéssemos tido esta conversa antes — comentou Harrowhark, pressionando os polegares um contra o outro, testando com um prazer arriscado o quanto conseguiria tornar maleável sua falange distal. Um erro e os nervos poderiam se romper. Era um exercício antigo que seus pais haviam lhe ensinado. — A cada vez, a notícia de que você não passou sua vida adquirindo virtudes marciais me choca um pouco menos. Mas continue. Surpreenda-me. Meu corpo está pronto.

— Gostaria que nossa Casa tivesse produzido algum espadachim mais digno de nossos dias de glória — disse Ortus, meditativo, sempre entusiasmado com histórias alternativas em que não fosse convocado ao serviço nem solicitado a fazer nada que considerasse difícil. — Queria que nossa Casa não tivesse caído ao ponto de ser conhecida como a daqueles “*só aptos a manterem a lâmina embainhada*”.

Harrowhark se parabenizou por não apontar que essa falta de produção se devia diretamente a três coisas: à mãe dele, a ele mesmo e a seu épico em versos *A Noniada*, dedicado a Matthias Nonius. Ela tinha a vil suspeita de que essa citação — da qual, de maneira incompreensível, ele havia conseguido pronunciar até aspas — vinha do mesmo épico, que ela sabia já estar no décimo oitavo livro e não dava sinais de desacelerar. Na verdade, parecia ganhar impulso, como uma avalanche muito entediante. Ela arquitetava uma réplica quando avistou uma irmã serviçal na biblioteca de seu pai.

Harrow não havia notado nem a batida à porta nem a entrada dela; esse não era o problema. O problema era que o rosto belo e morto do Corpo estava coberto com a pintura acinzentada da irmã.

As palmas de suas mãos estavam úmidas. Naquele cenário, ou a irmã era real e seu rosto não, ou a irmã era irreal por inteiro. Não se podia simplesmente avaliar toda a massa óssea dentro do aposento e arriscar um palpite; ossos dentro de carne gravavam tanta thalergia suave e enganosa, que só um tolo tentaria.

Ela lançou um olhar a Ortus, na tênue esperança de que ele traísse de alguma forma a realidade da irmã, mas seu olhar continuava fixo no chão.

— Nossa Casa tem recebido bons serviços daqueles “*só aptos a manterem a lâmina embainhada*” — disse Harrowhark, com a voz controlada. — Um verso que, aliás, nem métrica tem, só para constar. Ninguém ficará surpreso em ver você ficando para trás.

— É um dodecassílabo clássico, “*Só aptos a manterem a lâmina embainhada...*”

— Isso não tem doze sílabas de jeito nenhum.

— “*Sem jamais empunhá-la na dura batalha*”.

— Treinará com a Capitã Aiglamele pelas próximas doze semanas — disse Harrowhark, esfregando os dedos para lá e para cá, para lá e para cá, até a almofadinha do polegar ficar bem quente. — Deverá alcançar o mínimo esperado de um cavaleiro primário da Nona Casa, que agora, felizmente, consiste apenas em que seja tão largo quanto alto, com braços capazes de suportar peso. Mas eu preciso... de muito mais de você... do que apenas o fio de uma espada, Nigenad.

A irmã serviçal pairava à beira da visão periférica de Harrow. Ortus havia levantado a cabeça e não fez sinal de reconhecer a irmã, o que complicava as coisas. Ele olhava para Harrow com aquela espécie de pena vaga que ela sempre suspeitara que ele sentia por ela: a pena que o marcava como um estranho dentro da própria Casa e que o tornaria ainda mais estranho na Casa da linhagem materna. Ela não sabia o que fazia de Ortus... *Ortus*. Era um mistério tedioso demais para ser decifrado.

— O que seria esse “muito mais”? — perguntou ele, com um tom amargo.

Harrowhark fechou os olhos, o que bloqueou a visão do rosto trêmulo e preocupado de Ortus e a sombra da irmã serviçal com o rosto do Corpo, que se projetava sobre a escrivaninha. A sombra não lhe dizia nada. Evidências físicas eram, em geral, uma armadilha. Ela bloqueou a nova e enferrujada rapieira que gemia na bainha no quadril de Ortus. Bloqueou o cheiro reconfortante de poeira aquecida pelo calor artificial do aparelho que zumbia no canto do cômodo, misturando-se ao aroma da tinta recém-moída em seu tinteiro. Ácido tânico, sais humanos.

— Não é assim que deve ser — disse o Corpo.

E isso deu a Harrow uma estranha força.

— Preciso que oculte minha fraqueza — disse Harrowhark. — Veja, perdi a razão.

ATO UM



Amos 6:1-6



I NOVE MESES ANTES DO ASSASSINATO DO IMPERADOR

FOI NO FINAL DO ANO miríade de nosso Senhor — aquele distante Rei dos Necromantes, aquele bendito Ressuscitador de Santos! — que você ergueu sua espada. Esse foi seu primeiro grande erro.

A espada odiava que você a tocasse. O longo punho queimava suas mãos nuas como se tivesse sido aquecido a temperaturas estelares. O vácuo do espaço exterior não produzia thanergia nem gerava thalergia, mas isso não importava. Você não precisava mais de nenhuma das duas. Resfriava as palmas das mãos cobrindo-as com espessas faixas de cartilagem e voltava a tentar.

Agora, a empunhadura parecia fria como a morte e era igualmente pesada. Você a levantou, travou os cotovelos e agarrou o pomo para tentar se equilibrar. Experimentou um novo artifício: inseriu uma estreita faixa de osso em seu metacarpo vivo e deslizou o fragmento com cuidado ao redor do tendão flexor, perfurando-o pelas costas da mão. Não hesitou. Isso nunca foi de seu feitio. A partir daí, fez brotar longos dedos de ossos recém-formados para agarrar o cabo, depois expandiu-os ainda mais, para segurá-lo de novo. Empunhou-a, auxiliada, digamos assim, por um grupo fervilhante e estridente de oito falanges articuladas.

A essa altura, já conseguia balançar a espada em um ângulo obtuso à sua frente. Esperou. Não sentiu nada: nem compreensão, nem domínio, nem conhecimento. Era apenas uma necromante, e aquilo era apenas uma espada. Ela caiu de suas mãos, bateu no chão, e você se dobrou ao meio e vomitou com violência no chão do hospital.

Havia muitas pessoas uniformizadas naquela sala, mas elas estavam acostumadas a tais comportamentos. Harrowhark, a Primeira, a nona santa a servir ao Imperador Eterno, podia vomitar o quanto quisesse. Você era um sacramento ambulante, mesmo que suas primeiras contribuições para o Lyctordócio

parecessem ser descobrir novas e diferentes maneiras de vomitar. Elas apenas intervinham se achassem que você sufocaria até a morte com o próprio vômito, uma misericórdia que sempre considerou vagamente lamentável.



Da primeira vez em que o homem que chamava de Deus lhe entregou a espada — em o que parecia sua figura de Príncipe Bondoso, como se só tivesse doces intenções — você mergulhou em um torpor profundo do qual nunca despertou de fato. Talvez a espada tivesse materializado sua dor em dois metros de aço. Detestou aquela maldita espada desde o primeiro instante — o que talvez fosse injusto, antes de descobrir que o ódio era recíproco.

Mesmo assim, continuou tentando empunhá-la. Cada toque terminava com o conteúdo de seu estômago espalhado em cores pelo chão. Seus dias se dissolviam como cinzas diante de um ventilador — espalhados, sem esperança de serem recuperados — soprados de volta para seu rosto ou flutuando para cima, fora de seu alcance. Às vezes, você se levantava e pegava a lâmina, como se estivesse esperando por algo. Nada acontecia; não sentia nada, exceto o enorme ódio infundado da espada por você, algo que já sabia ser real, mesmo naquela época. Você e a espada fervilhavam em sua amargura e fúria mútuas, e então suas mãos acabavam cheias de bolhas e o chão coberto de vômito.

Os detalhes se assentavam em geometrias dissonantes. Você já estava nessa cama há algum tempo, vestindo roupas que não lhe pertenciam. De vez em quando, cócegas ásperas nas orelhas ou na testa causavam um terror paralisante, até perceber que era seu próprio cabelo. Longe das tesouras de Drearburh, ele crescia quase sem controle. Você mesma o cortava e ainda encontrava pequenos fios irregulares presos atrás das orelhas — ou talvez nem tivesse cortado nada. Às vezes, ao alcançá-lo, vinha a lembrança de que não havia manto nem máscara esquelética. Ninguém entregara tinta alguma, e não existia um único bastão de graxa em toda a nave — e, mesmo que houvesse, provavelmente não estaria devidamente abençoado. A primeira vez que isso aconteceu, em meio à sua raiva e vergonha, você despedaçou um lençol e cobriu a cabeça com ele. Isso ainda deixava a maior parte da sua testa exposta, sem contar o cabelo. Além disso, estava vestindo um lençol. Então optou pela saída poética e usou a última cartada de uma Virgem Sombria: abriu uma veia e, sem tremer pela

dor nem pela perda de sangue, cegamente estampou em sua pele a caveira sacramental da Máscara Inglória.

Os lacaios uniformizados estavam sempre ocupados com coisas que não incluíam você. Às vezes, era humildemente persuadida a sentar-se e a afastar o véu improvisado para tentar terminar uma tigela de sopa rala, embora essas memórias fossem fragmentos duvidosos. Não parecia certo que tivesse voltado a comer novamente. Às vezes, as pessoas se moviam ao redor, e você permanecia ali, deitada de costas no catre, surpresa e trêmula diante da vista estrelada pela janela. A espessa barreira de acrílico parecia leve e frágil demais para oferecer proteção. Do outro lado, a vasta garganta escura do espaço se abria, despertando um temor sem medida. Nesses momentos, você, de alguma forma, entrava e saía do sono. Há muito tempo tinha deixado de se importar com vozes humanas que só falavam bobagens: murmuravam suas preces de “*Três mil unidades — reabastecer, está na lista de suprimentos — descarte esse estoque, o setor de munições ficará com ele*”.

Em sua vida anterior, talvez elas a deixassem curiosa. No entanto, os ruídos que a assombravam iam além daqueles que chegavam a seus ouvidos. Havia a bordo da nave um grande esforço dissonante — o som de tambores molhados — que lhe provocou pânico antes mesmo que percebesse, já mais calma, que aquilo era o palpitar de setecentos e oito corações. Você ouvia setecentos e oito cérebros vibrando em seu fluido cerebral. Sabia, sem precisar verificar, que trezentos e quatro desses corações exaustos pertenciam a necromantes; o miocárdio de uma necromante se flexionava de maneira diferente em seus ouvidos, funcionava pior, contraía-se de forma mais fraca. Você sentia os vivos. Depois de descobrir o que ouvia, tomou ciência de tudo à sua volta: a poeira assentando nas placas pretas brilhantes do chão; o barulho de seus pulmões; a medula macia de seus ossos sugando o oxigênio. Apesar de toda essa cacofonia, não conseguia permanecer acordada.

Às vezes, via-se em pé, enojada, olhando para a grande espada, desajeitada e nua, abandonada no chão. Não se lembrava de ter se levantado. Não se lembrava de como tinha chegado até ali. Às vezes, esquecia-se de quem era e, ao se lembrar, chorava como uma criança.

Nessas digestões do tempo, o Corpo vinha. Colocava suas mãos frias e mortas em sua testa e fechava suas pálpebras pulsantes com as pontas dos dedos, para que não pudesse ver nem a espada nem as pessoas.

Era uma grande honra. Uma grande misericórdia. Ela agora vinha sempre até você com tal tolerância, e você ficava tão grata por isso, tão aliviada... As mãos do Corpo eram de um cinza morte, e tão suaves e reconhecíveis sobre sua pele, que você tinha certeza absoluta de que podia realmente senti-las; que, dessa vez, a carícia morta era tangível. E quando o Corpo se virava, revelando o rosto, vinha o êxtase de sempre diante daquela beleza imaculada pela respiração.

Então ela a levava de volta para sua cama e ordenava que dormisse. Diante do Corpo, esforçava-se por obedecer — como jamais ocorrera ao longo de uma vida obscurecida — pois não o fazer parecia indigno. Quando o Corpo se manifestava, o tempo operava como deveria — não mais se esvaindo como lascas de gelo para ressurgir em lugares improváveis. Mas, nessas ocasiões, seu cérebro continuava insistindo em mantê-la consciente. O fato de o Corpo ter vindo até você agora parecia extremamente importante se ao menos você pudesse ficar em vigília o suficiente para descobrir o porquê.

E seu rosto coçava por causa do sangue seco, e ao redor as pessoas sussurravam: *“Mil quilos de osteo — velho — guarde isso, é a primeira coisa que acaba — Não, sargento, jogue fora; já estamos atrasados”*.



Seu mundo era uma caixa branca e estéril. Essa caixa era a ala hospitalar a bordo da *Érebus*. A *Érebus* era a nave capitania da classe Behemoth do Imperador Eterno. Agarrava-se a esses fatos como alguém asfixiado se agarra à última lufada de ar. Vivia em um quarto frio e sem cor, cheio de camas desmontadas e caixas de papelão, e tinha como seus apenas uma cama, uma cadeira e uma espada. Eles tentaram tirar sua espada uma vez — tentaram levá-la sob algum pretexto que você não conseguia recordar exatamente — e ficou vagamente perturbada com essa lembrança, que era vermelha, úmida e mal definida.

Eles já não tocavam em sua espada, que sempre voltava para você. Ela aparecia e reaparecia pela sala toda vez que você a deixasse cair. Em geral, acompanhada por um misterioso cheiro de vômito. Agora dormia ao lado dela, como se fosse seu colossal bebê de aço. Convenhamos, teria ficado feliz em jogá-la bem no meio do coração quente de Dominicus, pois sentia repulsa por ela e

estava convencida de que queria lhe fazer mal; mas era fundamental que ela não caísse nas mãos de mais ninguém.

Isso não a impediu de prejudicar a lâmina, arranhando o polimento e estragando completamente o fio, como sabia que fazia, de uma forma vaga. Conhecia tão pouco sobre espadas — nunca se preocupou em perguntar; mal conseguia diferenciá-las. Algumas eram estreitas. Algumas largas. Algumas grandes, outras pequenas. Essa espada montante de soldado era enorme, atípica, francamente maliciosa, e estava sob sua total responsabilidade — mesmo que não pudesse tocá-la sem sentir fortes náuseas.

Às vezes, ajoelhava-se ao lado da cama e tentava rezar. Com o Corpo ali, não havia a quem agradecer nem intercessão alguma a pedir. Sua maior paz você encontrava naquele estado de semissono, semelhante ao efeito de uma droga, na cama, mantendo os batimentos cardíacos lentos sob as estrelas brancas e frias, doente de uma fúria cuja existência sempre esquecia — e que a corrompia por ser sua. À sua volta, as pessoas iam e vinham, mantendo a maior distância possível, ignorando-a de tal forma que, a certa altura, convenceu-se de que estava morta. E, convencida disso, sentiu apenas um alívio profundo.